

TEXTO COMPLEMENTAR

De Jardins e Direitos¹MARCÍLIO TOSCANO FRANCA FILHO²

O dia de hoje representa, para mim, um dia de reencontros. Antes de mais nada, um reencontro com Victor Alencar Mayer Feitosa Ventura, o menino que vi pela primeira vez, acabado de chegar a Coimbra, naquele fatídico 11 de setembro de 2001, recém acolhido pela cidade em que sua mãe estudaria. Um reencontro também com o brilhante aluno que voltei a rever numa das minhas disciplinas no mestrado, sempre perspicaz, arguto e crítico,

- 1 Discurso de apresentação, proferido no Centro de Ciências Jurídicas da UFPB, em 22 de dezembro de 2014, na cerimônia de lançamento do livro *“Ecologização do Direito Internacional Humanitário – Proteção Ambiental em Tempos de Guerra”*, de autoria do Victor Alencar Mayer Feitosa Ventura, ex-aluno de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciências Jurídicas da UFPB. Mantém-se aqui o tom da prosa oral, sem maior recurso a bibliografias e notas de rodapé.
- 2 Professor da UFPB, docente dos Programas de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Procurador do Ministério Público junto ao Tribunal de Contas do Estado da Paraíba. Pós-Doutor (*European University Institute*, Florença, 2008, *Calouste Gulbenkian Post-Doctoral Fellow*), Doutor (Universidade de Coimbra, 2006) e Mestre (UFPB, 1999) em Direito. Membro da *International Association of Constitutional Law*, da *International Society of Public Law*, do Instituto Hispano-Luso-Americano de Derecho Internacional (IHLADI) e Presidente do Ramo Brasileiro da *International Law Association*. Foi aluno (*Gasthörer*) da Universidade Livre de Berlim (Alemanha), estagiário-visitante do Tribunal de Justiça das Comunidades Européias (Luxemburgo), consultor jurídico (*Legal Advisor*) da Missão da ONU em Timor-Leste (UNOTIL) e do Banco Mundial (PFMCBP/Timor). Membro da lista de peritos do *UNDP Democratic Governance Roster of Experts in Anti-Corruption* (PNUD/ONU). Líder do LABIRINT - Laboratório Internacional de Investigações em Transjuridicidade (UFPB).



interessado em discutir com profundidade a melhor teoria geral do direito. Um reencontro, ainda, com aquele candidato bem preparado e firme na sua banca de qualificação, que aceitava críticas e sugestões mas não abria mão de sua autenticidade e convicção. Um reencontro, por fim, com o mestrando audaz e corajoso que, perante uma banca composta por mim, por George Galindo (UnB) e Sven Peterke (UFPB, seu orientador), defendeu com rigor e leveza o excelente trabalho que hoje se publica: “Ecologização do Direito Internacional Humanitário – Proteção Ambiental em Tempos de Guerra”.

Mas o dia de hoje marca, também, o reencontrar com um tema: o tema dos labirínticos entrelaçamentos do direito com a ecologia, a guerra e a política, numa seara particularmente difícil como a das franjas do direito internacional, do direito ambiental e do direito humanitário.

Para cuidar de todos esses reencontros, gostaria de retomar um argumento que me vem ocupando os pensamentos ao longo do último ano: o da atividade intelectual como fecunda obra de jardinagem. Justifico-me: *“de todos os meus defeitos, a originalidade não está entre eles”*. Tanto quanto o grande Nelson Rodrigues, também tenho algumas obsessões que me obrigam muitas vezes a andar em círculos durante meses a fio, para tentar compreender melhor um assunto, uma obra, um autor, um conceito ou uma definição. E entre esses temas de minha obsessão também está, em tempos recentes, o tema do jardim e seus caminhos que se bifurcam. André Gide afirmou certa vez que *“tudo já foi dito uma vez, mas como ninguém escuta, é preciso dizer de novo”*. Portanto, ousou repetir que o trabalho acadêmico, o trabalho intelectual, encontra no jardim a sua metáfora mais aproximada.

O jardim é, em primeiro lugar, resultado de um prazer pessoal. Ao contrário de uma horta, de um pomar ou um herbário, cujas

finalidades são óbvias e concretas – alimentar o corpo! –, o principal *moto* de um jardim é o prazer estético, sensorial ou intelectual de seu autor – alimentar a alma! Não por acaso, a sua etimologia remonta ao latim *gardinus*, cujo radical deu vazão a *Garten* (em alemão), *garden* (em inglês), *giardino* (no italiano), *jardin* (no francês) até chegar ao nosso jardim em bom português. Mas o mesmo radical também resultou em *regarder* (olhar, em francês) e *guardare* (olhar, em italiano), de modo que não é injusto pensar que o jardim é sobretudo algo para ser visto, olhado e sentido. Algo que causa prazer a quem o cultiva e seduz quem o olha. O prazer individual é o primeiro dos prazeres intelectuais. Quem escreve o faz, em primeiro lugar, por um gosto pessoal. A felicidade da descoberta, da compreensão.

Logo a seguir, o jardineiro e o acadêmico são movidos por mais um desejo comum: o prazer do outro, o leitor e o que passa ou visita o jardim. Jardineiro e acadêmico buscam, com suas linguagens e ferramentas, seduzir, convencer, arrebatá-lo, enfeitiçar o outro que, de passagem, atravessa o seu caminho.

Impulsionado por esses prazeres iniciais, o jardim é, também, algo cultivado. Ao contrário de um bosque, uma mata ou uma floresta, o jardim nunca é dado, mas sempre construído, trabalhado, elaborado. Resultado de uma intervenção cultural, um jardim tem sempre uma autoria, que se revela e desvela ao longo e por meio dos seus muitos canteiros. Aliás, nesse particular, o jardim exige um trabalho cuidadoso, meticuloso, intenso e contínuo. Um labor delicado e detalhista como uma ourivesaria, mas constante e ininterrupto como uma lavoura. Não há jardim sem um esmerado cuidado do jardineiro em definir um projeto, preparar adequadamente a terra, eleger e adquirir as mudas e sementes mais propícias aos seus propósitos, definir um tema e um estilo para o seu jardim, podá-lo em seus excessos, regá-lo na medida adequada.

Não há trabalho acadêmico sem esse duplo esmero: do detalhe atento, da ourivesaria constante, da microdimensão da eleição da melhor palavra, mas também do esforço físico hercúleo, do lavradio extenso, da macrodimensão do texto harmonioso e suas múltiplas relações.

O jardim é marcado pela delimitação: de espaços, de espécies, de água, de canteiros. Principalmente, pela delimitação e identificação de suas margens. Um jardim é sempre algo fechado, definido ou delimitável. No jardim, o conceito francês de *clôture* é essencial. Não se dá o mesmo com a floresta ou o bosque, que vão esmaecendo pouco a pouco, sem um fim explícito. Mesmo nos jardins públicos essa delimitação é clara! Isso se deve não por qualquer instinto de propriedade mas pela necessidade prática de indicar os limites do cuidado empregado sobre aquela parcela específica de terreno. A mesma delimitação é vista nos melhores trabalhos acadêmicos, como este de Victor Ventura. Mas a delimitação não significa isolamento: um jardim dialoga com o *terroir*, o clima, os pássaros, implicando sempre em permeabilidade e alguma forma sutil de interação.

Nesse panorama metafórico, o jardineiro Victor Alencar Mayer Feitosa Ventura constrói um requintado jardim, dedicando cuidado minucioso aos conceitos que vai semeando, podando, regando, colhendo, transplantando. Montando canteiros, arrancando ervas daninhas. Esse requinte mostra-se através da sua sagacidade, perspicácia e diligência com que maneja conceitos centrais do Direito; da habilidade com que se vale de exemplos e argumentos elucidativos e didáticos; na intimidade com que percorre os vários idiomas dos comentadores do Direito Humanitário, do Direito Ambiental e do Direito Internacional e na elegância com que se dirige ao leitor. Enfim, não emerge do seu jardim jurídico qualquer dúvida de que ele foi objeto de um longo e dedicado trabalho de reflexão.

Um trabalho de maturada ponderação que consegue se concentrar no minimalismo das coisas essenciais.

Como o bom e dedicado jardineiro Vallier, pintado seis vezes por Paul Cézanne, o mestre impressionista francês, Victor Ventura realiza com perfeição o seu mister de podar, arrumar, limpar, replantar, rearrumar e transplantar conceitos. Tudo para concretizar com maestria o jardim que há no seu projeto inicial. Um jardim, registre-se, que não procura ser aquele jardim artificialmente sistemático e falsamente racional, como o jardim francês do Palácio Versailles – formalmente muito bonito, mas muito, muito longe da natureza real. Ao contrário, o jardim planejado e realizado pelo jardineiro Victor Ventura é aquele jardim inglês, fiel à própria organicidade da natureza, mas obviamente uma elaboração intelectual refinada, algo semelhante a um Hyde Park londrino. Com toda essa habilidade, o jardineiro Victor Ventura sublinha que é possível uma ordem no jardim-mundo, mas que ela depende da constante atenção, cuidado e esforço de cada jardineiro... Verdade. É de jardins e jardineiros que ainda florescem as nossas melhores utopias, afinal, como diz Rubem Alves, “o que faz um jardim são os sonhos do jardineiro”.